



Organização Mundial da Saúde

INDÚSTRIA DO TABACO E RESPONSABILIDADE CORPORATIVA: UMA CONTRADIÇÃO

Documento desenvolvido pela Equipe de Análise de Políticas e Comunicação do Programa “Iniciativa Livre do Tabaco” da OMS - Fev/2003

Tradução: Instituto Nacional de Câncer/ Ministério da Saúde do Brasil

Cada vez mais, consumidores, funcionários e gerentes esperam que as empresas, especialmente as grandes multinacionais, façam mais do que o seu papel tradicional de criar, produzir, embalar e vender para ter lucro. Aos olhos do público, a criação de empregos e o pagamento de impostos não são mais suficientes como a única contribuição do setor privado à sociedade. O *boom* dos investimentos socialmente responsáveis (ISR) atesta esta tendência, pois investidores expressam sua preocupação e mostram seu posicionamento social e ético às empresas em que investem e com quem fazem negócios. Incluem-se entre os investidores socialmente responsáveis indivíduos, empresas, universidades, hospitais, fundações, companhias de seguro, fundos de pensão, entidades filantrópicas, igrejas e sinagogas. Seu financiamento pode excluir certos produtos ou práticas, como bebidas alcoólicas, armas, poluição, testes em animais ou jogo de azar; ou podem tentar identificar ativamente os aspectos positivos de empresas que adotam políticas sadias de proteção ambiental, práticas empregatícias corretas, relações trabalhistas e com a comunidade, por exemplo. O denominador comum entre a grande maioria das políticas de investimento ou produtos éticos ou socialmente responsáveis está na exclusão das empresas de tabaco das suas carteiras¹.

A filantropia bem planejada e bem gerenciada do patrocínio de festivais de música, cinema e arte, até a criação de programas educacionais para os mais destituídos, e a proteção ao meio-ambiente em nome da responsabilidade social corporativa (RSC) tornou-se um elemento virtual necessário em qualquer plano de negócios de todas as grandes corporações.

Muitas empresas de uma variada gama de setores conduzem projetos e programas voltados para a redução da iniquidade social, ao criar ou melhorar, instalações voltadas à saúde ou educação, oferecer treinamento vocacional e de gestão, melhorando a qualidade das atividades culturais e de lazer. Setores específicos estão reconhecendo a sua responsabilidade e orientando seus esforços de RSC para áreas especialmente relevantes aos seus negócios. Por exemplo, multinacionais de alimentos e bebidas têm responsabilidades específicas em termos de marketing de produtos, mudanças de hábitos alimentares dos consumidores, e condições sob as quais produtos agrícolas são produzidos e comercializados. Empresas de transporte devem lutar contra o impacto ambiental de seus negócios, bem como contra congestionamentos no trânsito, desperdício de energia, segurança e acesso aos negócios, e oportunidades de empreendimentos.

RESPONSABILIDADE SOCIAL E AS EMPRESAS DE TABACO

As companhias de tabaco não perderam a oportunidade de seguirem essa tendência. As maiores delas desenvolveram programas para o desenvolvimento de pequenos negócios no Quênia, prevenção da criminalidade na África do Sul, cursos de administração na China, preservação do folclore na Venezuela, tratamento médico e ajuda a vítimas de inundações no Paquistão. A seguir, estão alguns exemplos específicos.

Prevenção do tabagismo em jovens

Uma área em que quase todas as grandes empresas de tabaco investem em publicidade para melhorar sua imagem corporativa é o desenvolvimento e promoção de programas

ineficazes de prevenção do tabagismo em jovens. Esses programas são criados com a aparência de dissuadir ou prevenir jovens de fumar, mas freqüentemente o seu efeito é o inverso. Ao mostrar que fumar é uma atividade para adultos, esses programas aumentam o apelo dos cigarros aos adolescentes. Medidas que envolvem a exigência de comprovação de idade para comprar cigarros são, em última instância, ineficazes, pois é muito fácil para os jovens contornar essa restrição. Taticamente, esses programas servem ao propósito de dar a impressão que as empresas de tabaco estão propondo soluções aos problemas que criam. Na realidade, eles desviam a atenção de soluções comprovadamente efetivas, incluindo aumento de preços e impostos, às quais os jovens são especialmente sensíveis. As empresas de tabaco se opõem vigorosamente a aumentos de preços e impostos.

Educação

Outra área onde várias companhias de tabaco concentraram suas atividades de RSC é na educação, geralmente sob a forma de doação de dinheiro, oferecimento de bolsas de estudo, financiamento do aperfeiçoamento de professores, e mesmo na criação de uma escola inteira.

No fim do ano 2000, a universidade de Nottingham anunciou a criação do primeiro Centro Internacional de Responsabilidade Social Corporativa do Reino Unido, graças a uma verba de £3.8 milhões da BAT. O objetivo do centro é estudar as responsabilidades ambientais e sociais de empresas multinacionais nas comunidades em que operam. Em dezembro de 2002, o Centro lançou o seu novo programa de MBA, voltado especificamente para questões relacionadas à RSC. É claro que muitas bolsas de estudo estarão disponíveis para este programa.

Um estudo recentemente publicado no *British Medical Journal* detalha as verbas e doações para pesquisas provenientes da indústria do tabaco, bem como os cargos ocupados na alta direção de universidades por funcionários graduados da indústria do tabaco. Das 90 universidades e 16 faculdades de medicina, 39% haviam recebido doações da indústria do tabaco. Quatro das 16 faculdades de medicina receberam verbas para pesquisa. Verificou-se que altos funcionários e diretores de companhias de tabaco ocuparam 26 cargos em universidades entre 1996 e 2001, incluindo os cargos de governador, presidente, chanceler e diretor, e ainda postos em hospitais universitários e em posições voltadas ao avanço e desenvolvimento universitário. O Dr. Fernand Turcotte, da Universidade Laval, um dos autores do estudo, disse que "tais nomeações eram escandalosas. A indústria do tabaco se infiltra nas universidades desta forma por causa do prestígio associado a essas instituições." E acrescenta: "é uma maneira de comprar silêncio e complacência."ⁱⁱ

Ao final de 2002, a BAT-Gana contribuiu com 250 Cedi de Gana (cerca de US\$ 30.000) para a Universidade de Gana, em Legon, para o fundo para o Hall do Jubileu; e para a Universidade de Ciência e Tecnologia Kwame Nkrumah, em Kumasi, para a criação da Cadeira de Pesquisas Agro-Florestais do Instituto de Recursos Naturais renováveis. A empresa também patrocina 44 alunos de nível superior a cada ano.ⁱⁱⁱ

Uma tentativa menos bem sucedida para comprar credibilidade acadêmica foi a tentativa da BAT em oferecer a um aluno da Escola de Higiene e Medicina Tropical de Londres uma verba de £ 1500 e a oportunidade de trabalhar na unidade de pesquisa e desenvolvimento da fábrica de Southampton quando se formasse. O Professor David Leon, ao saber da oferta, disse

à empresa para "levar seu dinheiro para outro lugar." Acrescentou: "Vocês devem pensar que professores e alunos de epidemiologia são muito burros e mercenários. Não há necessidade de dizer-lhes a responsabilidade que a BAT tem por milhões de mortes, à medida em que continua a vender tabaco no mundo inteiro."^{iv}

Desenvolvimento e outras filantropias

A indústria do tabaco está também envolvida no desenvolvimento de projetos no âmbito da comunidade, como o Projeto *Kerio Trade Winds*, no Quênia, uma parceria entre a comunidade e a BAT que busca "desenvolver atividades de plantio do tabaco como opção para reduzir a pobreza, consoante a estratégia governamental para redução da pobreza."^v A Associação do Tabaco de Malawi juntou-se aos esforços da Organização Internacional do Trabalho (OIT) para desestimular o trabalho infantil na lavoura do tabaco no Malawi.^{vi}

No Brasil, a Souza Cruz, subsidiária brasileira da BAT, patrocinou um concerto para celebrar os 40 anos de carreira de um pianista brasileiro de fama internacional, para apoiar a campanha "Fome Zero" do recém-eleito presidente^{vii}. Essas atividades vêm menos de um ano após uma investigação da *Christian Aid* sobre as práticas trabalhistas da Souza Cruz, subsidiária da BAT, que variavam de alegados abusos no controle de preços até a falta de proteção dos trabalhadores em pesticidas e outras substâncias nocivas, e de ações para melhorar as condições de locais onde crianças são forçadas a trabalhar no cultivo do tabaco, para tentar reduzir as dívidas da família.^{viii}

Saúde

Talvez os programas patrocinados pela indústria do tabaco mais notáveis e mais cínicos sejam aqueles voltados para a saúde pública. Por exemplo, a BAT Bangladesh aumentou seu apoio à Loteria Shandhani Andhatyamochan (para Alívio da Cegueira) organizada pela Sociedade Nacional para Doação de Olhos Shandhani ao comprar uma grande quantidade de tíquetes de loteria e fazer uma doação à Sociedade Nacional para Doação de Olhos Shandhani, entregando-lhe um cheque em uma cerimônia pública na fábrica da BAT em Dhaka.^{ix} A relação entre fumo e catarata, uma das principais causas de cegueira, não foi mencionada. A mesma fábrica foi palco de um workshop sob saúde ocupacional para estudantes da Universidade de Bangladesh^x. Recentemente, no Zimbábue, a BAT investiu \$6 milhões numa clínica para os 400 funcionários da fábrica da empresa. Um jornal local sugeriu que "A *British American Tobacco Company* do Zimbábue deve, pois, ser aplaudida por se preocupar com a saúde e o bem-estar de seus funcionários^{xi}."

Qual a alternativa para a RSC?

Numa jogada interessante, a Philip Morris, maior companhia de tabaco do mundo, começou o ano com um novo nome, Altria, inspirado na palavra latina *altus*, que significa "alto". Em contraste com a explicação da empresa, que se tratava de uma "mudança da identidade corporativa para refletir evoluções importantes no desenvolvimento (da empresa)", esta mudança de nome tem sido acidamente criticada como uma jogada de Relações Públicas (RP) para afastar as outras empresas da Philip Morris do espectro do tabaco. "A Philip Morris está se fiando na memória curta dos consumidores e esperando que outra campanha maciça de RP reconquiste o público americano, que vem rejeitando peremptoriamente as suas práticas comerciais letais" comentou Kathryn Mulvey, Diretora Executiva da Infact, uma ONG americana de proteção aos consumidores^{xii}.

No seu prefácio, o Relatório Social 2001/2002 da *British American Tobacco* é citado como “um compromisso sério para firmar os princípios da Responsabilidade Social Corporativa no Grupo *British American Tobacco*”. O relatório explica, ainda, que “uma estrutura formal para aplicação da RSC” foi definida e que a empresa tem “muito a oferecer na abordagem dos problemas que preocupam os interessados no nosso negócio, inclusive o apoio a uma boa regulamentação do tabaco e a redução do tabagismo no âmbito da saúde pública.”

Como disse o Diretor Presidente da BAT Bangladesh ao aceitar um prêmio da *Bangladesh Scout Guide and Fellowship*”, a BAT está profundamente comprometida com o desenvolvimento do país e vai cultivar valor-cerne da empresa: Sucesso e Responsabilidade andam juntos através de contribuições aos diferentes setores do desenvolvimento socioeconômico do país^{xiii}. “

PARADOXO: COMO PODEM AS COMPANHIAS DE TABACO CONCILIAR O SEU PRINCIPAL OBJETIVO COM AS NORMAS DE NEGÓCIOS DA RSC?

Este relatório e esses programas da indústria do tabaco que buscam contribuir para um bem social maior fazem com que se pergunte: como podem as companhias de tabaco conciliar o seu principal objetivo, lucrar ao máximo com a produção e comercialização de um produto letal, que se baseiam em valores éticos e ao respeito aos funcionários, consumidores, comunidades e meio-ambiente? Como eles podem dizer que fazem práticas comerciais transparentes, chamando todos os interessados para um diálogo, quando investigações públicas e testemunhos legais em tribunais e países do mundo todo atestam as ações e estratégias das companhias de tabaco para esconder a natureza letal dos seus produtos, prejudicar ações de proteção à saúde pública e destruir evidências incriminadoras?

Em muitos aspectos, as companhias de tabaco não são como as outras empresas. Os produtos derivados do tabaco são legais. Mas também são letais. O tabaco é o único produto disponível aos consumidores que mata metade dos seus usuários habituais. Assim, relativamente a atividades de RSC, as companhias de tabaco não podem estar no mesmo nível de outras companhias de bens de consumo.

Apesar das tentativas veladas da indústria do tabaco em ganhar respeito corporativo, e das suas alegações de que mudaram as suas práticas, elas continuam a usar uma variada gama de estratégias anti-éticas e irresponsáveis para promover seus produtos, expandir seus mercados e aumentar seus lucros.

No verão de 1999, um relatório interno feito para a Dra. Gro Harlem Brundtland, Diretora-Geral da Organização Mundial da Saúde (OMS) sugeria haver evidências em documentos anteriormente considerados confidenciais de companhias de tabaco, de que elas “envidaram esforços para prevenir a implementação de políticas de saúde pública e reduzir as verbas disponíveis para o controle do tabagismo em organizações das ONU.” Posteriormente, ainda naquele ano, ela disse que compreender-se o papel da indústria do tabaco em provocar e perpetuar uma epidemia que mata 5 milhões de pessoas ao ano seria a chave para se desenvolver políticas de controle de tabagismo em geral, especialmente uma Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco que pudesse interromper, quando não reverter, esse rumo, e nomeou um Comitê de Especialistas para pesquisar documentos da indústria do tabaco, que se tornaram disponíveis ao público como resultado de ações judiciais contra elas nos Estados Unidos.

Os documentos evidenciam esforços sistemáticos e globais da indústria do tabaco em minar políticas de controle do tabagismo e desenvolvimento de pesquisa. O Comitê descobriu que a indústria do tabaco considerava a Organização Mundial da Saúde como um dos seus principais inimigos, e que a indústria havia planejado estratégias para "conter, neutralizar, redirecionar" as iniciativas de controle do tabagismo da OMS. Os documentos da indústria do tabaco mostram que seu plano era realizar eventos que desviassem a atenção dos problemas de saúde pública provocados pelo tabagismo; tentar reduzir orçamentos de atividades científicas e de elaboração de políticas realizadas pela OMS; colocar outras agências da ONU contra a OMS; buscar convencer países em desenvolvimento que o programa de controle do tabagismo da OMS era uma pauta de "Primeiro Mundo" realizada às expensas dos países em desenvolvimento; distorcer os resultados de estudos científicos importantes sobre tabagismo; e desacreditar a OMS como instituição^{xiv}.

Esses achados foram os catalisadores para os esforços dos Escritórios Regionais da OMS e de órgãos de países individuais em realizarem suas próprias investigações sobre as atividades da indústria do tabaco voltadas especificamente para sabotar o trabalho na área da saúde pública. Também estimularam a implementação de um processo sistemático de verificar a existência de conflitos de interesse por parte de funcionários e consultores da OMS. Todos eles devem declarar quaisquer interesses que possam influenciar a sua opinião objetiva, inclusive se estão ou estiveram envolvidos com a produção, industrialização, distribuição e venda de tabaco ou de seus produtos derivados, ou se representaram os interesses de empresas envolvidas nessas atividades.

A sede da OMS não é o único alvo. Na região oriental do Mediterrâneo, as atividades da indústria do tabaco para enfraquecer políticas de saúde pública no Oriente Médio começaram no final da década de 70, quando as multinacionais do tabaco encontravam-se regularmente para discutir regulamentações pendentes e elaborar estratégias conjuntas. O Grupo de Trabalho do Oriente Médio (MEWG, sigla em inglês), que posteriormente se tornou a Associação de Tabaco do Oriente Médio (META, sigla em inglês), composta por todas as principais multinacionais de tabaco que operavam no Oriente Médio, foi formada para "promover e defender" os interesses dessas empresas na região, monitorando cuidadosamente e buscando minar o trabalho das autoridades de saúde pública do Oriente Médio, incluindo a Conferência de Ministros da Saúde do Golfo Pérsico, a Organização Mundial da Saúde e coalizões nacionais de controle do tabagismo. Documentos da indústria do tabaco mostram que ela arregimentou políticos proeminentes no Oriente Médio para passar-lhe informações e fazer *lobby*, dentre os quais, estão um membro do parlamento egípcio, um ex-Secretário Geral Assistente da Liga Árabe e, em determinado momento, o Secretário Geral da Conferência de Ministros da Saúde, que era Vice-Ministro da Saúde do Kuwait^{xv}.

Um relatório recente da Organização Pan-Americana da Saúde ecoa as mesmas conclusões. Companhias transnacionais de tabaco planejaram e executaram, na última década, campanhas enganosas na América Latina e no Caribe sobre os efeitos nocivos do tabagismo passivo e a natureza das atividades de marketing das companhias de tabaco. Ao contratar cientistas da América Latina e do Caribe para desacreditar as conclusões científicas que relacionam o tabagismo passivo ao desenvolvimento de doenças graves e ao considerar campanhas e programas de prevenção do tabagismo entre os jovens basicamente como um exercício de relações públicas, a fim de deter regulamentações importantes do marketing do tabaco, as companhias de tabaco buscaram retardar ou evitar restrições ao marketing e restrições ao

tabagismo. Documentos da indústria também mostram que as companhias de cigarro conheciam detalhadamente as redes e mercados de contrabando e que buscaram ativamente aumentar sua participação no mercado ilegal ao estruturar campanhas de marketing e rotas de distribuição que favorecessem este propósito, e ainda que tinham acesso a importantes autoridades governamentais e tiveram sucesso em enfraquecer ou acabar com legislação sobre controle do tabagismo em vários países^{xvi}.

Todas essas investigações apontam consistentemente para a discrepância entre medidas que as companhias de cigarros, internamente, consideram as maiores ameaças a suas vendas e aquelas que elas defendem em público. Por exemplo, as companhias negam publicamente a relação entre prevalência do tabagismo e publicidade de cigarros, mas internamente reconhecem que as proibições à publicidade são uma ameaça às vendas, e é uma prioridade-chave impedir sua regulamentação. As companhias insistem, constantemente, que não comercializam para os jovens, mas os documentos internos mostram justamente o contrário.

Num relatório recente em que se examinaram declarações feitas pela British American Tobacco, Philip Morris, R.J. Reynolds, Brown & Williamson e Lorillard, numa ação judicial movida pelo Departamento de Justiça dos Estados Unidos^{xvii} o deputado Henry A. Waxman verificou que a maioria das empresas ainda questiona se o fumo causa doenças e não admitem que a nicotina causa dependência. Todas as empresas negaram que o tabagismo passivo provoque doenças em não fumantes, apesar de evidências inequívocas do Ministério da Saúde Americano (*US Surgeon General*) e da Organização Mundial da Saúde (OMS). As companhias de tabaco também negaram que controlam os níveis de nicotina nos cigarros, que comercializam para crianças e que tivessem destruído documentos para evitar que fossem utilizados em ações judiciais, apesar de haverem testemunhado justamente o contrário nos Tribunais. A indústria do tabaco cria sistematicamente controvérsias sobre a avaliação de riscos e sobre evidências científicas dos perigos do tabagismo ativo e passivo^{xviii}.

Estudos e investigações semelhantes foram ou estão sendo realizados em vários países, como Suíça, Finlândia, Israel, Síria, Irã, dentre outros. As táticas são criteriosamente adaptadas a situações específicas dos países e executadas exclusivamente em prol dos lucros das companhias de tabaco.

Ao mesmo tempo, o custo em doenças relacionadas ao tabaco e mortes está subindo numa espiral, chegando a 4,9 milhões de vidas perdidas a cada ano. Este número excede qualquer previsão feita anteriormente, e atinge proporções gigantescas mais rápido que o esperado, o que só reafirma a necessidade urgente de uma ação em escala global. As companhias do tabaco estão pedindo um diálogo aberto. Afirmam que os seus esforços para minar políticas de controle do tabagismo são coisas do passado, e que agora buscam um diálogo construtivo com a OMS e com governos nacionais. Elas apelam "àqueles reticentes" que as julguem "não por palavras a respeito do seu negócio, mas por suas ações"^{xix}.

Isto vem num momento em que 192 países membros da OMS estão negociando a Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco, um movimento global que estabelece os padrões de regulamentação do tabagismo, a fim de reduzir a morte e o sofrimento causados por essa epidemia inteiramente feita pelo homem. Quase 5 milhões de mortes ao ano, 1,3 bilhões de fumantes hoje no mundo e altas taxas de tabagismo entre jovens são, em parte, resultado do

fracasso dos governos em implementar políticas sabidamente eficazes de controle do tabagismo. A inação do governo e a indiferença do público, onde existem, são em grande parte resultado da influência desafortunada das companhias de tabaco.

A comunidade de negócios, grupos de consumidores e o público em geral devem se unir a legisladores e à comunidade da saúde pública, numa postura vigilante e crítica a respeito das atividades de responsabilidade social das companhias de tabaco. Porque, apesar do que alegam, existem pouquíssimas evidências de qualquer mudança fundamental nos seus objetivos ou nas suas práticas.

Referências:

ⁱ Yach, Derek, Sissel Brinchmann, and Suzanne Bellet. "Healthy Investments and investing in health." *Journal of Business Ethics*, Dordrecht. Oct 2001, Vol. 33, Issue 3, pp. 191-198.

ⁱⁱ Addiction to Tobacco: Defining Links between the Tobacco Industry and Canadian Universities and Medical Schools, *BMJ* 2002;325:734 <http://bmj.com/cgi/content/full/325/7367/734/a>

ⁱⁱⁱ Ghanaian Chronicle (Accra), December 3, 2002, <http://allafrica.com/stories/200212040313.html>

^{iv} College tells tobacco company to take its money elsewhere, *BMJ* 2002;325:794 <http://bmj.com/cgi/content/full/325/7368/794/c>

^v <http://www.eastandard.net/eahome/storyIII12002013.htm>

^{vi} The Malawi Standard. December 24, 2002 <http://allafrica.com/stories/20021225000.html>

^{vii} <http://www.souzacruz.com.br/frame-left.asp?n=imprensa&sn=-artigo36>

^{viii} Hooked on Tobacco, Christian Aid. <http://www.christian-aid.org.uk/indepth/0201bat/batl.htm>

^{ix} The Daily Star (Bangladesh), 30 October 2002, <http://www.dailystarnews.com/200210/30/n2103006.htm#BODY4>

^x The Daily Star (Bangladesh), 23 October 2002 <http://www.dailystarnews.com/200210/23/n2102305.htm#BODY13>

^{xi} The Daily News (Harare), 30 October 2002 <http://allafrica.com/stories/200210300294.html>

^{xii} Philip Morris Attempts to Distance itself From Marlboro Man's Global rampage With name change to Altria Corporate Accountability Activists Say Massive PR Make-Over Won't Fend Off Tough Regulation in Global Tobacco Treaty, <http://www.infact.org/012703pm.html>

^{xiii} <http://independent-bangladesh.com/news/dec/23/23122002bs.htm#A6>

^{xiv} Tobacco Industry Strategies to Undermine Tobacco Control Activities at the World Health Organization, August 2000. <http://www5.who.int/tobacco/page.cfm?tld=174>

^{xv} Voice of Truth. <http://www5.who.int/tobacco/repository/tpc48/VoTI-en.pdf>

^{xvi} Profits Over People, Tobacco Industry Activities to Market Cigarettes and Undermine Public Health in Latin America and the Caribbean. <http://www5.who.int/tobacco/page.cfm?tld=178>

^{xvii} <http://www.reform.house.gov/min/pdfs/pdf-inves/pdf-tobacco-doLrep.p> Tobacco Industry Statements in the Department of Justice Lawsuit, Rep. Henry A. Waxman Minority Staff Report, Special Investigations Division, Committee on Government Reform, U.S. House of Representatives, September 17, 2002.

^{xviii} Yach D. and S. Bialous, Junking Science to Promote Tobacco, American Journal of Public Health, November 2001, Vo191, No.11, 1745-1748.

^{xix} <http://www.bat.ccm/oneweb/sites/uk-3mnfen.nsf/vwPagesWebLive/C83FBD4911F1636280256BF4000331B8?opendocument=> , British American Tobacco Social Report 2001/2002